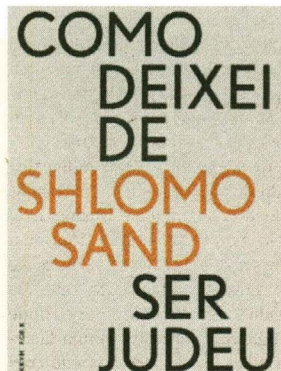




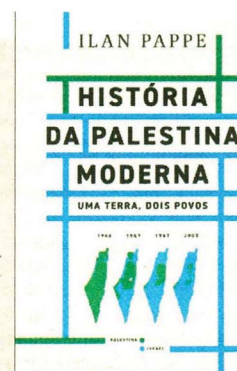
Como Deixei de Ser Judeu

SHLOMO SAND
(UN)COMMON GROUND KKYM +
P.O.R.K., LISBOA, 2023,
88 PP., € 17,00.



História da Palestina Moderna - Uma Terra, Dois Povos

ILAN PAPPE
EDITORIAL CAMINHO, ALFRAGIDE, 2024 (2.ª ED.),
416 PP., € 20,90.



Shlomo Sand e Ilan Pappé são dois dos historiadores israelitas mais inovadores e, provavelmente, mais discutidos das últimas décadas. Embora com narrativas diferentes e também com escolhas diferentes nas respectivas vidas pessoais e académicas, os seus trabalhos dialogam de uma maneira muito original sobre o passado, o presente e o futuro da Palestina e do Estado de Israel. De facto, uma profunda análise histórica e sociológica está na base dos dois trabalhos.

Começando pelo ensaio *Como Deixei de Ser Judeu*, de Sand, originariamente publicado em francês em 2013, o tema das identidades, religiosas e nacionais, torna-se central no estudo da construção etnocrática do Estado israelita, ou melhor, da «nação judaica», e principalmente na construção duma nova identidade colectiva pelos judeus desde os primeiros momentos de ocupação da Palestina histórica no final do século XIX. Como o autor refere, «a ideologia nacional nacionalizou a História e adaptou-a às necessidades patrióticas do presente» (p. 21). Enquanto tema sempre presente nas suas obras, isso está no centro da reflexão de Sand através dum diálogo constante entre as questões nacionalistas sionistas e a relação emblemática entre judeus religiosos e judeus laicos. Usando uma narrativa capaz de traçar o próprio ponto de vista pessoal na tensão contínua de ser judeu e de ser israelita, Sand aborda os principais temas da história deste país e dos seus laços controversos, quer com a Europa quer com os países árabe-muçulmanos vizinhos. As religiões, as culturas e as migrações representam factores determinantes do passado e do presente.

Entre estas questões fundamentais debatidas por Sand, bem como por Pappé, particular relevância é dada ao processo da «hebraicidade» (p. 48), nomeadamente a forma como já antes da criação do Estado de Israel, se iniciou um processo de construção da identidade hebraica, com o objectivo de homogeneizar todos os futuros imigrantes judeus provenientes de zonas,

culturas e tradições muito diferentes, como iídiche e árabe. Sob o disfarce de uma sociedade baseada no *melting pot*, os aparelhos educativo e militar (através do serviço militar obrigatório) foram fundamentais para criar assimetrias socioeconómicas, culturais e políticas no seio do novo Estado judaico e, ao mesmo tempo, dar a aparência de uma nova sociedade com um caminho e uma identidade próprios.

Outro tema que certamente chamou a atenção de Sand é a questão da vitimização e da memória e de como continua a ser importante recordar todas as vítimas, e não apenas algumas, como foi o caso da exclusividade da morte judaica. O autor interroga-se sobre o modo como esta perspectiva da memória ocidental do fenómeno concentracionário e do extermínio que se esqueceu das outras vítimas não judias possa ter influenciado tanto a actual identidade judaica quanto a actual identidade israelita.

Na última parte do ensaio, Sand analisa quem é judeu no Estado de Israel e quem é judeu na diáspora, abordando mais uma vez a complexa questão entre a identidade judaica laica e a religiosa. Olhando para o seu próprio percurso, afirma querer deixar de se definir como judeu e ser apenas considerado como israelita. Quando admite que vive numa das sociedades mais racistas do mundo, acrescenta que não seria mais fácil viver noutros lugares, também porque ele próprio é um produto cultural, linguístico e mental do projecto sionista e não pode desfazer-se disso, continuando a ser um israelita (p. 83). Mesmo que se sinta como um exilado no seu próprio país, não consegue livrar-se dessa condição. Finalmente, a ideia do fim da ocupação e da criação de uma confederação entre palestinianos e israelitas dá uma visão de esperança mais abrangente às suas palavras, embora o tempo para esta possível solução pareça-lhe já ter passado.

Sendo uma reflexão entre a análise histórico-cultural e a experiência pessoal, num livro histórico rico em pormenores que relata mais de dois

séculos de história, o trabalho de Pappé enquadra-se bem nesta problematização da construção e do papel do Estado de Israel. A partir da necessidade de contar uma história da Palestina através de uma abordagem humanista, e não nacionalista, étnica ou religiosa (p. 23), *História da Palestina Moderna - Uma Terra, Dois Povos* (publicada originariamente em inglês em 2004) é uma obra importante e necessária para percebermos o que aconteceu na terra da Palestina histórica à luz dos acontecimentos recentes. A análise começa com a segunda metade do século XIX, descrevendo a Palestina otomana, rural e urbana, ainda longe de ser o que seria mais tarde com a chegada dos primeiros grupos de colonos sionistas, e que se baseava numa população de meio milhão de pessoas, com uma maioria de muçulmanos, mas também cristãos e judeus. Esta situação de coexistência foi rapidamente transformada e agravada pelo papel de outros actores externos além dos colonos sionistas, a começar pelo Império Britânico, que desempenhou um papel central no futuro da região, numa mistura explosiva de colonialismo e nacionalismo. Das palavras de Pappé fica muito claro como foi nesta altura que começou uma mudança dramática para os nativos árabe-palestinianos.

Detalhando os principais acontecimentos históricos e políticos, o historiador explica o processo que levou à criação do Estado judaico de Israel e à subsequente *Nakba* (catástrofe) palestiniana em 1948. Pappé foca-se nos anos entre 1947 e 1949 como o principal período para a compreensão da estratégia sionista e das consequências que esta viria a ter até à actualidade, voltando a um tema também aprofundado no seu livro *A Limpeza Étnica da Palestina* (2006). Se para Sand a perspectiva era a da diáspora judaica, Pappé centra-se no ano de 1948, quando os refugiados palestinianos começaram a tornar-se elemento central na história desta terra – e continuarão a sê-lo nos períodos seguintes, marcados por novas guerras, ocupações e uma violação

contínua dos direitos humanos fundamentais do povo palestiniano que acabou para ser normalizada tanto ao nível regional como internacional.

Tendo em conta a heterogeneidade entre as comunidades palestinianas sob ocupação na Cisjordânia, em Jerusalém Oriental, na Faixa de Gaza, e tanto no Estado de Israel como na diáspora, principalmente nos países árabes vizinhos, Pappé continua a análise mais contemporânea salientando os principais eventos e protagonistas até ao início do século XXI (até 2004, ano de publicação do livro), numa realidade sempre mais polarizada no pós-Acordos de Oslo e com questões que continuam sem respostas na perspectiva de uma possível solução justa e duradoura. Num período de tempo tão vasto, esta obra é particularmente original porque não se limita aos factos, mas analisa-os de uma maneira interseccional e através de narrativas baseadas em questões de género, classe social, religião, ou, em outras palavras, olhando para quem nunca conseguiu fazer ouvir a sua voz e ficou nas margens, incluindo «os refugiados não repatriados, os palestinianos sob ocupação, os judeus *mizrahi* desempregados e os palestinianos cidadãos de segunda classe em Israel» (p. 368). Estas vozes representam, afinal, a única alternativa possível a partir da qual pode começar um futuro de paz.

Rerler estas duas importantes obras durante o genocídio em curso na Faixa de Gaza não é nada fácil. Contudo, através das sensibilidades de Sand e Pappé, a leitura crítica dos dois últimos séculos de história da terra da Palestina ajuda a compreender o presente, a contextualizá-lo, a observar como foi possível chegar até este ponto de completa desumanização de um povo. Ouvir e estudar estas duas importantes vozes israelitas pode ser uma das poucas ferramentas que nos restam para contrariar a nefasta situação histórica e política actual. ●

GIULIA DANIELE
(CEH-SCTE)